

Kierkegaard e Nietzsche: é possível ser filósofo e crente?



A tarefa da filosofia é destruir a realidade, através da interpretação. Kierkegaard e Nietzsche são pensadores exemplares na arte da destruição. Ambos são conhecidos pela controvérsia contra os sistemas idealistas, quer filosófico ou teológico. A tarefa do filósofo é fazer a crítica às tradições consolidadas, procurando descortinar algo ainda não visível na interpretação. Ao filósofo é dado o direito, natural, de discordar. A interface entre dois pensadores, a partir de dois grandes temas, é uma oportunidade de apresentar ideias-diretrizes de cada um, no contexto do tema proposto. O presente dossiê está dividido em duas partes. A divisão segue um critério meramente didático-cronológico, em dois grupos de textos.

O primeiro bloco de textos, onde o pensador em discussão é Kierkegaard, inicia com o texto **Kierkegaard: ser ou não ser cristão?**, de autoria do Professor Jorge Miranda de Almeida. Esse é um tema clássico do *corpus kierkegaardianum* que dialoga com toda a sua obra. O texto aborda o tema do edificante, remontando o sentido que ele possui no interior da obra de Kierkegaard, bem como a necessidade ultrapassar o discurso em direção à prática. O cristão se diferencia dos demais pela prática. Para o cristão, a obra diz o que a fé é. O texto da pesquisadora Maria José Binetti, intitulado **El singular como diferencia divina**, descreve a tensão existente entre o eu e o Outro. A palavra central do

texto é certamente o termo diferença. Manter a diferença, sem suprimir o paradoxo, permite o reconhecimento do singular ante a potência da singularidade divina. O último texto, **Kierkegaard e a religião cristã: o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão da fé**, de autoria de Nicolay Andrade, fecha essa primeira parte refletindo sobre a unidade que existe entre o paradoxo da fé e a confissão de fé. Esse tema, segundo a autora, permite ler a obra de Kierkegaard de um modo sincrônico e mais uniforme.

O segundo grupo de textos é dedicado a Nietzsche. **Nietzsche e a má consciência do seu tempo**, de Jasson da Silva Martins, procura apresentar a crítica de Nietzsche à metafísica, à moral e à religião de um modo interdependente entre si. Esse é um *tópoi* clássico da filosofia nietzschiana e é abordado, aqui, como tema que ainda suscita debate e tem o seu lugar na reflexão sobre a origem do cristianismo. O segundo texto, **Nietzsche e a corrupção psicológica dos evangelhos**, de Allan Davy Santos Sena, aprofunda o aspecto da falsificação da tradição judaica realizada com o advento do cristianismo. A discussão é conduzida a partir da descrição da postura de Petrônio como o contraponto da postura de Paulo. Por fim, Renato Nunes Bittencourt, através do texto **Nietzsche e a paixão crística como culminação da doutrina evangélica**, reconstrói a interpretação que Nietzsche realizou sobre a psicologia do Redentor, acentuando os aspectos extramoraes da

prática de Jesus, abandonados pelo cristianismo histórico.

Os dois grupos de textos do presente dossiê dialogam entre si. Se o núcleo do primeiro está centrado no indivíduo singular e na tarefa de tornar-se cristão de fato, o segundo grupo exalta o exemplo daquele que conseguiu realizar essa tarefa, mas foi mal interpretado e, como punição, foi erguido no madeiro. A reflexão filosófica, como tarefa destruidora, acaba por descrever um

percurso que vai do desejo à impossibilidade de tornar-se cristão. Eis um problema que atinge a todos os homens, incluindo os intelectuais.

Boa leitura!

Jasson Martins

Renato Bittencourt

(Organizadores)